

O TEMPO KAIRÓS E A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Elisandra Marques Barbosa Schulz²

Bruna Barboza Träsel³

O presente texto busca tornar-se registro de um trajeto reflexivo e formativo das educadoras autoras. Trajeto que se faz no tempo kairós e não no tempo chronos. Isto porque diz das vivências e experiências de uma professora regente e sua estagiária na relação cotidiana com um grupo de bebês em um contexto coletivo de educação infantil público.

As razões pelas quais consideramos relevante a escrita desse texto estão atreladas ao fato de que a educadora estagiária, do curso de Licenciatura em Pedagogia, também ocupa o cargo de auxiliar de educação infantil desse mesmo grupo de crianças. Relações que se interpelam, se questionam e produzem saberes experienciais de uma docência compartilhada em muitos tempos.

É sobre essas premissas que pretendemos abordar nas próximas linhas questões sobre o tempo da docência e o tempo da docência compartilhada, considerando, o trajeto formativo vivido por ambas as educadoras no primeiro semestre de 2017.

Embora o estágio curricular tenha se dado em cerca de trinta horas de observação e intervenção pedagógica com os bebês, nos importa considerar um tempo que extrapola as condições pré-estabelecidas em um período de prática pedagógica supervisionada.

Nos interessa pensar não no tempo contado em segundos, minutos e horas, ou seja, o tempo chronos, pois este passa rápido demais e sua significação fica atrelada as questões rotineiras. Esse tempo chronos nos possibilita apenas contar o tempo de forma objetiva e convencional. Tempo /que não diz das significâncias, mas da objetividade.

O tempo kairós é considerado como o momento certo ou do oportuno. Este não é o tempo do relógio, mas o tempo vivido com sentido e significado. Diz do tempo em que estamos totalmente absorvidos e vivemos o momento

¹ Relato de experiência na Educação Infantil.

² Acadêmica do curso de Pedagogia da UNIJUI e auxiliar de Educação Infantil da rede pública.

³ Professora da rede pública. Mestranda em Educação nas Ciências (UNIJUI).

presente, sem preocupações com o passado, nem ansiedade pelo futuro. É desse tempo kairós na docência na Educação Infantil que nos interessa pensar.

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e atende crianças de zero aos cinco anos de idade. Tempo cronológico significativo para determinadas aprendizagens. Tempo kairós único, quem sabe pouco acessado pelos educadores desses infantes. O tempo kairós é o tempo que alimenta a alma do bebê e do adulto, da criança e do professor.

A docência nessa etapa ganha complexidade, ao ponto que estamos atrelados às questões de cuidar e educar, que perpassa desde dar-lhe de comer até ensinar a escrita de seu nome. A docência na Educação Infantil nada se assemelha à docência em qualquer outra etapa, pelas suas minúcias que se formam inteireza. A inteireza de viver /interagir com aqueles recém chegados ao mundo e que tem o mundo todo a descobrir. O cotidiano da escola de Educação Infantil exige uma docência com sutilezas, com olhar sensível e com escuta atenta. Esse tempo vivido nos propiciou diversas descobertas, questionamentos e aprendizagens compartilhadas.

Quando pensamos nas minúcias de uma docência compartilhada entre a professora regente e sua auxiliar de Educação Infantil que, por um curto tempo chronos, ocupa o lugar de estagiária, ou seja, de docente numa docência supervisionada, pensamos na interação de saberes teóricos e práticos que, neste caso, por vezes se confundem e fundam a forma de pensar de ambas as educadoras. É na discussão da teoria vivida/vivenciada no trajeto formativo das envolvidas que se constitui a possibilidade de planejamento da ação pedagógica compartilhada.

Segundo as autoras Clarice Salette Traversini e Juliana Freitas (2009, p. 2), “[...] a Docência Compartilhada consiste em uma ação docente compartilhada entre dois professores em sala de aula e em um planejamento também compartilhado”. Assim, estabeleceu-se de maneira silenciosa, mas certamente significativa, o contrato pedagógico entre as educadoras. Relacionariam seus conhecimentos teóricos e a possibilidade de construir novos, a partir do compartilhamento de ideias e referenciais teóricos, com o simples objetivo de constituir prática pedagógica significativa em que os bebês vivenciassem experiências com sentido e significado no âmbito daquele espaço de educação coletiva.

A relação entre a teoria, o cotidiano e ação pedagógica vivida nesse espaço de docência compartilhada, se traduz na possibilidade de pensar o viés da *práxis* docente, pois, como argumenta Paulo Freire, é necessária a “reflexão crítica sobre a prática”, considerando que “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 2016, p. 39).

Como afirmam as autoras (TRAVERSINI, et al., 2012, p. 296-7), “[...] Compartilhar a docência, ou seja, pensar as propostas pedagógicas e exercê-las em conjunto na sala de aula”, além de que a “[...] Docência Compartilhada consiste em um permanente processo de desconstrução/reinvenção da identidade docente”. Assim, “a ação de compartilhar traz tensões para ambos os docentes, pois a exposição mais íntima e detalhada de suas crenças pedagógicas”, é de certa forma, “o embate entre a proposta planejada para o aluno e a concretização da mesma ‘a dois’, assumindo riscos, realizações e fracassos no coletivo da turma e com cada aluno, individualmente”. Uma vez que, “nesse contexto, cada um dos professores passa a fazer a desconstrução do seu modo de ser docente para construir outro” (TRAVERSINI, et al., 2012, p. 295).

Este constante processo de diálogo entre as educadoras - professora regente e estagiária – possibilita a prática de vivências concretas de uma escola infantil de qualidade, que amplia seu olhar sobre as crianças e que se importa em compreendê-las.

A docência que compartilhamos é construída cotidianamente na inter-relação entre adultos e crianças e adultos e adultos, num espaço e num tempo não determinado. Que necessita de idas e vindas. Renúncias e aceites. Permeada de anseios e receios. Nunca total, sempre parcial. E que busca o enfrentamento às incertezas do agir na ação pedagógica.

Compartilhar a docência diz de colocar-se num lugar de humildade, compreendendo que podemos aprender com todos os sujeitos envolvidos no processo. Que podemos partilhar nossos saberes e estar atento quando os outros compartilham os seus.

Enfim, neste tempo, ora *chronos*, ora *kairós*; aprender a compartilhar a docência amplia a possibilidade de viver um tempo mais significativo no qual atribuímos outro significado ao estar com as crianças e compartilhar essa

responsabilidade com outros adultos potentes. Professores regentes e estagiários devem estabelecer esses vínculos vigorosos que tornam a docência mais apaixonantes, para ambos.

Palavras-chave: Docência compartilhada; Vínculos; Estágio; Infância.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 54^o ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

TRAVERSINI, Clarice Salete; XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas; RODRIGUES, Maria Bernadette Castro; DALLA ZEN, Maria Isabel Habkcost; SOUZA, Nádia Geisa Silveira de. **Processos de inclusão e docência compartilhada no III ciclo.** Educação em Revista, Belo Horizonte, jun/2012, p. 285-308. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/98961/000866488.pdf?sequence=1> Acesso 12/04/2017.

TRAVERSINI, Clarice Salete; FREITAS, Juliana. **O desafio de exercer a docência e constituir-se como aluno no projeto da Docência Compartilhada.** UFRGS/FACED/PPGEDU: Porto Alegre/RS, 2009.